

**FETAEG participa dos Mutirões da Documentação da Trabalhadora Rural em Goiás que garantiram mais de 4,5 mil atendimentos em três edições**



**Revista**

# **FETAEG**

**Federação dos Trabalhadores Rurais na Agricultura Familiar do Estado de Goiás**



## **Organizar e Dialogar compromisso coletivo faz a luta avançar**



**Famílias de Agricultores familiares comemoram assinatura de contratos do Programa Minha Casa Minha Vida Rural**



# FETAEG participou dos Mutirões de Documentação da Trabalhadora Rural em Goiás que garantiram mais de 4,5 mil atendimentos em três edições



Goiás (Território Rio Vermelho); Montividiu do Norte (Território Norte) e Santa Rita do Novo Destino (GO) (Território Vale do São Patrício) sediaram, nesta ordem, as três primeiras edições do Mutirão de Documentação da Trabalhadora Rural. O Mutirão é uma ação realizada pelo Incra, por meio do Programa Nacional de Cidadania

e Bem Viver para Mulheres Rurais do Ministério do Desenvolvimento Agrário e Agricultura Familiar (MDA) e em parceria com as Prefeituras que são sede da atividade, diversas instituições públicas e movimentos sociais, como a FETAEG – Federação dos Trabalhadores Rurais na Agricultura Familiar do Estado de Goiás e os Sindicatos de

Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais. Ao todo, foram mais de 4,5 mil atendimentos realizados pelo Incra e pelos demais parceiros durante as três edições do Mutirão de Documentação da Trabalhadora Rural. A ação garante cidadania e acesso a políticas públicas para mulheres e homens rurais e quilombolas do município e para a região

(território) onde estão inseridos.

De acordo com o superintendente regional do Incra em Goiás, Elias D’Angelo, o evento cumpriu seu papel de aproximar o Estado das comunidades rurais. “O documento é mais do que um papel: é a porta de entrada para os direitos. O mutirão fortalece a cidadania e valoriza as mulheres do campo e quilombolas”, destacou.

O diretor de Meio Ambiente e de Reforma Agrária da FETAEG, Orcidio Carlos, juntamente com a diretora da Sec. de Mulheres da FETAEG, Ariana dos Santos, a Sec. de Jovens da FETAEG, Laylla Adiele, participaram das três edições já realizadas. A realização do mutirão é muito importante para as agricultoras familiares. “Essa ação representa cuidado e respeito com as mulheres trabalhadoras rurais. Sabemos das dificuldades que muitas enfrentam para ter acesso a documentos e serviços básicos, por isso, mutirões como esses já realizados é uma forma de garantir cidadania, dignidade e mais oportunidades para as famílias”, destacou, Orcidio Carlos.

Os três mutirões já realizados, além dos diretores da Fetaeg, a presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais da Cidade de Goiás, Ivonilde Francisca da Silva, de Montividiu do Norte, Marcia Rodrigues Vaz Mariano, e de Goianésia, Mosar Francisco da Silva, participaram no seu município que realizou e mostraram a importância do Sindicato na vida do trabalhador e da trabalhadora rural.

## Entregas do Mutirão de Documentação

Para se ter uma ideia da capacidade



de atendimento dos Mutirões de Documentação, na última edição, realizada em Santa Rita do Novo Destino no mês de setembro, o Incra inscreveu 267 projetos de intenção para crédito Instalação na linha Fomento Mulher; atendeu, em média, 70 pessoas interessadas em regularizar suas parcelas junto à autarquia. Além disso, entregou 62 certificados de individualização do CAR; emitiu 29 carteirinhas de agricultor(a) familiar para quilombolas (CAF Quilombola).

A autarquia também entregou 16 títulos definitivos para famílias assentadas, sendo 14 para o assentamento Lagoa Santa (localizado em Santa Rita do Novo Destino). Destes 14, nove famílias já saíram do evento com a Guia de Recolhimento da União (GRU) em mãos, para pagamento à vista de seus títulos.

Os servidores da Divisão de Governança Fundiária do Incra Goiás ainda realizaram 38 atendimentos entre emissão de GRU, CCIR, plantas e memoriais descritivos de parcelas de assentamentos; desinibição, cancelamento e atualização cadastral de código de imóvel rural. Foram realizadas nove negociações do Desenrola Rural de dívidas de Crédito Instalação, simulações do valor de pagamento de títulos antigos e emissão de 18 GRU.

## Serviços de instituições financeiras e demais parceiros

Com relação às atividades da Caixa e do Banco do Brasil, o mutirão viabilizou mais de R\$ 100 mil em microcrédito do Pronaf B para agricultoras e mais de R\$ 500 mil em projetos do Pronaf, além de renegociações de dí-

vidas com descontos pelo Desenrola Rural.

A Defensoria Pública Estadual registrou 64 atendimentos. No evento também foram realizadas orientações jurídicas e previdenciárias e apoio para aposentadoria rural pela Defensoria Pública da União (DPU) e serviços de saúde, como aferição de pressão arterial e vacinação, através da Secretaria Municipal de Saúde.

O público que compareceu ao Mutirão ainda pôde participar de palestras e orientações sobre o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), crédito fundiário, Selo da Agricultura Familiar, meio ambiente, seleção de famílias para áreas da reforma agrária, políticas públicas para mulheres trabalhadoras rurais, violência doméstica, entre outros assuntos.

O mutirão tem como parceiros: Defensoria Pública da União (DPU), Defensoria Pública do Estado (DPE), Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), Banco do Brasil, Caixa Econômica Federal, Comissão Pastoral da Terra (CPT), Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST), Federação dos Trabalhadores Rurais na Agricultura Familiar do Estado de Goiás (Fetaeg), Federação das Agricultoras e Agricultores do Estado de Goiás (Fetraf-GO), Movimento Camponês Popular (MCP), Coordenação Estadual de Articulação das Comunidades Rurais e Urbanas Quilombolas de Goiás (Coeaq), Centro Colaborador em Alimentação e Nutrição do Escolar (Cecane/UFG), além das prefeituras dos dez municípios que compõem o Vale do São Patrício.

Com informações da Cristiane Santiago - Ascom/Incra/GO

## Expediente

### FETAEG - Federação dos Trabalhadores Rurais na Agricultura Familiar do Estado de Goiás (Filiada à CUT)

Órgão de representação do Trabalhador Rural  
Rua 16-A, Lote 2-E, nº 409, St. Aeroporto, Goiânia - GO, CEP 74075-150  
Fone: (62) 3225.1466

Diretoria Executiva: Presidente – Eleandro Borges da Silva / Vice-Presidente, Secretaria Geral e Secretaria de Políticas Sindicais - Pablo Gomes / Tesouraria Geral e Secretaria de Administração – Walter Reis de Castro / Secretaria de Políticas Agrária e de Meio Ambiente – Orcidio Carlos de Oliveira / Secretaria de Políticas Sociais – Dalilla dos Santos Gonçalves / Secretaria de Mulheres Agricultoras Familiares – Ariana dos Santos Souza / Secretaria de Juventude da Agricultura Familiar – Laylla Adiele Dias Ribeiro / Secretaria da Agricultura Familiar – Tânia Fernandes de Pina Alcântara

Produção: COMUNICAÇÃO / FETAEG  
Edição/Diagramação/Fotos: Danilo Guimarães  
Impressão: Gráfica Liberdade - Tiragem: 6.000 exemplares.

A REVISTA FETAEG não se responsabiliza pelas opiniões dos seus colaboradores ou entrevistados.

Edição nº 232 - Setembro - 2025

## VEJA O CONTEÚDO DA FETAEG NO SEU DISPOSITIVO MÓVEL





CONQUISTA HISTÓRICA, LUTA COTIDIANA!

# DIA INTERNACIONAL DA DEMOCRACIA

O dia 15 de setembro, Dia Internacional da Democracia, é uma data que foi instituída em 2007 pela Assembleia Geral das Nações Unidas, mais do que uma celebração é um convite a refletir sobre os desafios e a luta cotidiana para garantir que ela seja efetivada plenamente, de forma participativa e inclusiva.

A democracia, como nos lembra o professor e historiador Fernando Horta, “não é um dado natural. Ela é frágil, construída diariamente através de consensos sociais que podem se desfazer mais facilmente do que imaginamos”. Essa consciência nos coloca diante da responsabilidade de defendê-la como quem cuida da terra: com dedicação cotidiana, porque, sem cultivo, nada floresce.

## Avanços recentes e permanentes desafios

Se olharmos a história, veremos que muitas conquistas democráticas são recentes. Basta lembrar que até 1930 as mulheres não tinham direito ao voto no Brasil e, em vários países que se dizem democráticos, a igualdade e a liberdade são ameaçadas por práticas autoritárias e retirada de direitos.

Esta data nos convida a refletir que a verdadeira democracia vai muito além do voto. Ela exige participação popular efetiva, tanto na formulação quanto na implementação das políticas públicas, por exemplo. Participar das decisões políticas são práticas que permite que o povo tenha voz nas decisões que afetam suas vidas.

## Democracia como compromisso diário

Neste Dia Internacional da Democracia, a CONTAG reafirma seu com-

promisso com a defesa da democracia como valor inegociável. Seguiremos lutando por um país mais justo, igualitário e soberano, onde as populações do campo, da floresta e das águas sejam protagonistas da vida política e da construção de um projeto de sociedade baseado na justiça social e na participação popular.

## Convite à leitura

Para se aprofundar neste tema convidamos para a leitura do texto: “A Fragilidade da Democracia”, do professor e historiador Fernando Horta. Um texto elaborado a convite da CONTAG para reflexão coletiva, pois sabemos que sem democracia não há direitos, não há soberania e não há horizonte para quem luta por um projeto de sociedade com desenvolvimento rural sustentável e solidário.

plenamente no Brasil do século XXI. Quando uma trabalhadora rural sem terra tem seu voto valendo o mesmo que o de um grande proprietário, estamos vivendo esse consenso. Mas quando ela não consegue acesso aos mesmos serviços públicos, à mesma qualidade de educação para seus filhos ou ao mesmo tratamento no sistema de justiça, esse consenso se fragiliza.

Essa luta não é diferente em outras democracias. Nos Estados Unidos, décadas após os direitos civis, comunidades afro-americanas ainda enfrentam discriminação sistêmica. Na Europa, imigrantes e suas famílias lutam por igualdade de oportunidades. A democracia se enfraquece quando alguns cidadãos são mais iguais que outros.

## Segundo Consenso: A Rejeição a Toda Forma de Violência

O segundo consenso é a luta contra todo tipo de violência como método de resolução de conflitos. Uma democracia saudável resolve suas disputas através do diálogo, da negociação e do voto – nunca através da força. Contudo, ainda encontramos opositores que frequentemente arrumam desculpas para “violências do bem”: a violência policial que é justificada contra os “bandidos”, a violência contra líderes de movimentos sociais que é vista como “necessária para manter a ordem”, ou até mesmo a violência doméstica que é minimizada como “assunto de família”.

No campo, conhecemos bem essa realidade. Quantas lideranças rurais não foram silenciadas por ousarem questionar o modelo vigente? Quantas famílias não sofreram intimidações por lutarem por seus direitos? Cada vez que normalizamos qualquer forma de violência política, estamos corroendo o consenso que mantém a democracia funcionando.

## Terceiro Consenso: A Participação Política Transparente

O terceiro consenso fundamental é a ideia de participação política que une a necessidade de transparência e responsividade por parte dos tomadores de decisão. Em uma democracia verdadeira, quem governa deve prestar contas, explicar suas decisões e permitir que o povo acompanhe como o poder está sendo exercido. Isso significa que os governantes devem ser transparentes sobre como gastam nossos impostos, como tomam suas decisões e por que escolhem determinadas políticas.

Mas a participação também exige que nós, cidadãos e cidadãs, estejamos informados e engajados. No campo, isso significa conhecer as políticas agrícolas, acompanhar os debates sobre reforma agrária, entender

como funcionam os programas de crédito rural. Significa também cobrar que nossas vozes sejam ouvidas nas decisões que afetam diretamente nosso modo de vida.

## A Luta Diária pela Democracia

Esses consensos não se mantêm sozinhos. Eles precisam ser constantemente renovados, defendidos e fortalecidos através da luta diária de sujeitos que historicamente foram excluídos do poder. Negros e negras, povos indígenas, quilombolas, comunidades tradicionais, mulheres do campo e da cidade – todos esses sujeitos não apenas lutam para forjar esses consensos democráticos, mas também para mantê-los vivos contra aqueles que prefeririam um Brasil menos igual, menos participativo, menos democrático.

É uma luta que vai além das eleições. Acontece quando uma mulher trabalhadora rural se organiza em cooperativa, quando comunidades quilombolas resistem à grilagem de suas terras, quando trabalhadores e trabalhadoras sem terra ocupam latifúndios improdutivos, quando povos indígenas defendem suas reservas. Cada uma dessas ações fortalece o tecido democrático brasileiro.

## As Ameaças aos Consensos Democráticos

Qualquer mudança que ameace fundamentalmente o modo de vida do homem branco e rico torna-se uma ameaça real aos consensos que sustentam a democracia. Isso não acontece por acaso. Quando políticas públicas começam a redistribuir poder, renda ou oportunidades de forma mais justa, aqueles que sempre se beneficiaram da desigualdade reagem. E sua reação frequentemente vem acompanhada de discursos que atacam a legitimidade das instituições democráticas, que questionam a validade do voto popular, que promovem a violência como solução.

Vimos isso acontecer quando programas sociais tiraram milhões de brasileiros da pobreza extrema. Vimos quando cotas universitárias abriram o ensino superior para jovens negros e de baixa renda. Vimos quando políticas de demarcação de terras indígenas e quilombolas avançaram. A cada conquista democrática que desafia privilégios históricos, surge uma reação antidemocrática.

## Os Guardiões da Democracia

Para entender a importância dessa luta diária, precisamos lembrar de lideranças dos movimentos sociais brasileiros que dedicaram suas vidas a forjar e manter esses consensos fundamentais. Chico Mendes, o seringueiro que se tornou símbolo mundial

da luta ambiental, não estava apenas defendendo a Amazônia – estava construindo um consenso sobre a necessidade de equilibrar desenvolvimento econômico com preservação ambiental, sobre o direito das comunidades tradicionais de existirem e sobre a importância da participação popular nas decisões que afetam o meio ambiente.

Margarida Alves, líder sindical da Paraíba, não estava apenas lutando por melhores condições de trabalho para os canavieiros – estava forjando consensos sobre dignidade no trabalho, sobre direitos trabalhistas no campo, sobre a necessidade de organização coletiva dos trabalhadores rurais. Quando foi assassinada em 1983, seus algozes sabiam que estavam tentando destruir muito mais que uma pessoa: estavam atacando a ideia mesma de que trabalhadores rurais poderiam se organizar democraticamente para defender seus direitos.

Essas lideranças entenderam algo fundamental: a democracia não é um sistema político abstrato, mas uma forma concreta de organizar a sociedade que permite que pessoas comuns tenham voz nas decisões que afetam suas vidas. Eles sabiam que essa possibilidade de participação não seria dada de graça – precisaria ser conquistada, defendida e renovada constantemente.

A Responsabilidade de Cada Um Hoje, a responsabilidade de manter viva a democracia brasileira está em nossas mãos. Como agricultores e agricultoras familiares, como trabalhadores e trabalhadoras rurais, como cidadãos e cidadãs do campo, temos um papel fundamental nessa tarefa. Nossa experiência de trabalhar a terra nos ensina que nada de valor cresce sem cuidado constante. A democracia é igual: precisa ser cultivada diariamente.

Isso significa participar das eleições, sim, mas vai muito além. Significa se organizar em sindicatos, cooperativas e associações. Significa cobrar transparência dos governantes. Significa defender os direitos de todos e todas, mesmo quando esses direitos não nos afetam diretamente. Significa rejeitar a violência como forma de resolver conflitos. Significa reconhecer que nossa liberdade está conectada com a liberdade de nossos vizinhos, independentemente de sua cor, gênero ou origem.

A frase do ministro Alexandre de Moraes sobre o Brasil ter “quase voltado a uma ditadura” deve servir de alerta permanente. A democracia não é um estado natural da sociedade – é uma conquista histórica que pode ser perdida se não for cuidada. Como cuidadores e cuidadoras da terra, sabemos que o que não é cultivado se perde. Com a democracia não é diferente.

A luta continua, e ela precisa de cada um e cada uma de nós.

# A Fragilidade da Democracia: Uma Reflexão para o Campo Brasileiro

Por Fernando Horta

Quando o ministro Alexandre de Moraes, durante o julgamento de Jair Bolsonaro, afirmou que o Brasil “quase voltou a uma ditadura”, suas palavras ecoaram muito além dos muros do Supremo Tribunal Federal. Elas nos lembraram de uma verdade incômoda: a democracia, esse sistema que permite que nossas vozes sejam ouvidas nas urnas e que nossas terras sejam defendidas através de leis, não é um dado natural. Ela é frágil, construída diariamente através de acordos sociais que podem se desfazer mais facilmente do que imaginamos.

Essa fragilidade não é exclusividade brasileira. Ao redor do mundo, vemos de-

mocracias centenárias sendo questionadas. Nos Estados Unidos, assistimos a tentativas de invasão do Capitólio. Na Europa, partidos de extrema-direita ganham força prometendo soluções autoritárias para problemas complexos. No Brasil, vivenciamos ataques aos três poderes e tentativas de golpe que nos lembraram que a democracia jamais pode ser considerada garantida.

## Os Consensos que Sustentam a Democracia

A democracia funciona porque, ao longo de gerações, as sociedades constroem consensos – acordos não escritos sobre como devemos viver juntos. Esses consensos são como as raízes de uma árvore: invi-

síveis, mas fundamentais para manter toda a estrutura de pé. Construí-los não é tarefa simples, especialmente em sociedades marcadas pela desigualdade como a nossa, onde quilômetros de diferença social separam o trabalhador e a trabalhadora rural do grande latifundiário, onde o acesso à educação, saúde e justiça ainda depende da cor da pele e do tamanho da conta bancária.

## Primeiro Consenso: A Igualdade Política e Social

O primeiro consenso fundamental é a ideia de que todos os cidadãos e as cidadãs, independentemente de sua origem, cor, gênero ou condição econômica, têm direitos políticos e sociais iguais. Parece simples, mas ainda estamos lutando para implantá-lo



# Organizar e Dialogar compromisso coletivo faz a luta avançar

## Famílias de Agricultores familiares comemoram assinatura de contratos do Programa Minha Casa Minha Vida Rural

O sonho da casa própria se tornou realidade para mais de 120 famílias de agricultores familiares no mês de setembro. Graças à atuação da Federação dos Trabalhadores Rurais na Agricultura Familiar do Estado de Goiás (FETAEG). O Programa Minha Casa Minha Vida Rural mais uma vez está sendo implementado nas cidades. Os beneficiados já assinaram os contratos e a previsão é de que as obras comecem ainda esse ano de 2025.

A retomada do programa Minha Casa Minha Vida Rural, que estava parado há anos, tem um simbolismo muito grande e esse mês de setembro ficará para a história do MSTTR – Movimento Sindical dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais.

Ação como essa representa mais um passo decisivo na concretização do sonho da casa própria dessas famílias de trabalhadores e trabalhadoras rurais. A conquista é fruto de um trabalho coletivo, pautado no compromisso, na seriedade e na organização de todos envolvidos.

A assinatura dos contratos simboliza não apenas a realização de um sonho, mas também o fortalecimento da dignidade dos trabalhadores rurais, contribuindo para a melhoria da qualidade de vida dessas famílias.

O projeto habitacional tem como principal objetivo atender famílias residentes em comunidades rurais, promovendo inclusão social, melhoria da qualidade de vida e contribuindo

diretamente para a redução do déficit habitacional nos municípios. A expectativa é de que as obras tenham início imediato, o que deverá impulsionar também a geração de emprego e renda nas regiões.

Para a secretária de Políticas Agrícolas da FETAEG Tânia Fernandes, “é motivo de muita alegria para nossa federação e para nossos sindicatos, depois de um período em que o programa foi até mesmo extinto, ter a retomada do mesmo, pois ele é de suma importância para todos os agricultores familiares. Viva nossa federação e nossos sindicatos, viva a vitória dos agricultores familiares.”

Para o presidente da FETAEG, Eleandro Borges, momentos como esses

marcam um avanço importante para a efetivação do direito à moradia no campo. “A assinatura dos contratos consolida mais uma etapa nesse processo de acesso à casa própria. É também uma oportunidade para esclarecer dúvidas e reforçar as orientações. Antes disso, foi preciso garantir que as famílias e sindicatos estivessem com toda a documentação regular. Essa é uma política pública que promove dignidade e fortalece a agricultura familiar”, destacou.

Eleandro destaca ainda o apoio e parceria que vem recebendo do Deputado Estadual Mauro Rubens e da Deputada Federal, delegada Adriana Accorsi por estarem juntos e apoiando a nossa luta do dia a dia em prol dos trabalhadores e das trabalhadoras ru-

rais do nosso Estado de Goiás.

A FETAEG e sindicatos segue na luta pelo desenvolvimento rural sustentável e para que ainda mais famílias

rurais possam ser contempladas desse importante instrumento de fortalecimento dos agricultores e agricultoras familiares.

### Realização de um sonho

Agricultora Familiar, Sirlene Aparecida e seu esposo Edson de Moraes, do município de Pirenópolis-Go, celebrou a conquista com entusiasmo.

“*Estou muito feliz em receber essa política pública, porque era um sonho muito distante para mim, que não tenho recursos para construir uma casa. Essa casa vai mudar muita na nossa vida. Vamos ter o nosso próprio lar, onde poderemos morar com dignidade. Essa assinatura do contrato representa mais que um papel, é o início de uma nova etapa de vida. É muito gratificante.*”





**Mural de fotos das famílias que foram beneficiadas do MCMR – Minha Casa Minha Vida Rural nas sedes dos STTR – Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadas Rurais, no mês de Setembro/2025.**



Minha Casa  
Minha Vida  
Rural

**STTR**  
Faina-GO

**35** famílias beneficiadas

Minha Casa  
Minha Vida  
Rural

**STTR**  
Pirenópolis-GO

**27** famílias beneficiadas



Minha Casa  
Minha Vida  
Rural

**STTR**  
Itapuranga-GO

**18** famílias beneficiadas

Minha Casa  
Minha Vida  
Rural

**STTR**  
Moiporá-GO

**14** famílias beneficiadas



Minha Casa  
Minha Vida  
Rural

**STTR**  
Pirenópolis-GO

**04** famílias beneficiadas

Minha Casa  
Minha Vida  
Rural

**STTR**  
Itaberaí-GO

**14** famílias beneficiadas



Minha Casa  
Minha Vida  
Rural

**STTR**  
Iporá-GO

**09** famílias beneficiadas



## Casos de sucesso

### Depois de curso de hidroponia realizado pelo Senar Goiás, família tem nova renda com venda de alface

O treinamento realizado na propriedade, em Inhumas, deixou toda a estrutura montada para iniciar o cultivo



O sonho de cultivar hortaliças de forma diferente começou com a curiosidade de dona Maria Perpétua. Ela passou meses pesquisando na internet, assistindo vídeos e se encantando com a ideia da hidroponia. A inspiração ganhou força quando uma sobrinha, professora, participou de um curso de hidroponia oferecido pelo Senar Goiás e voltou entusiasmada. "Ela chegou e me contou que foi muito lindo, a irmã dela também falou. E elas me incentivaram e eu tenho muito espaço, e muita vontade", relembra Maria.

O apoio do Senar Goiás foi fundamental para que o projeto saísse do papel. "Quando a gente começou na hidroponia, a gente não tinha noção nenhuma. A gente viu vídeos e sabia que era isso que queria, só que não sabia como começar. Aí a gente comprou os materiais, procurou o Sindicato Rural de Inhumas, o sindicato entrou em contato com o Senar e eles vieram e nos deram um curso. A gente juntou uma equipe, uma turminha, fez o curso e, durante o curso, a gente já deixou praticamente montada", lembra Adrielle Paula de Oliveira, filha da Maria Perpetua que também acompanha a produção.

O primeiro passo foi dado no ano passado e, em fevereiro deste ano, veio a primeira colheita. A hidroponia exige uma estrutura própria, com canaletas por onde circula a água enriquecida com nutrientes que chegam diretamente às raízes das plantas. Isso garante que a alface cresça de forma uniforme, saudável e com aparência mais bonita. "O cultivo da alface na água é movido a nutrientes dissolvidos na dose certa. Faz a alface desenvolver de uma forma uniforme, fica muito bonita, mantém sempre verdinha, além de ser um produto limpinho, né? Você não tem contato com a terra, tá sempre limpinho, sempre verdinha, muito bonito de se ver e de se comer", explica Adrielle.

A mudança de vida foi para toda a família. Sr. Jamil deixou o manejo do gado e os cuidados com o pesque-pague para investir na nova produção. "Pelo jeito que minha esposa falou, nós estamos gostando muito, sempre, parece que vai melhorar para nós. Nós estamos planejando para dedicar mais,

planejamos isso aqui e nós vamos arrumar mais, se Deus quiser, sempre aumentar mais. E aqui é o futuro do meu filho, netinho", afirma.

Parte da produção é servida nos pratos do restaurante do pesque-pague, o que chamou a atenção dos clientes. "A gente deixa para colher na hora que vai usar nos pratos. Muitas vezes os clientes estão ali, eles veem a gente vindo colher na hora, ficam até admirados: 'nossa, olha, está verdinho, fresquinho'. Eles sentem a diferença na hora de comer. E nisso a gente já conseguiu bastante cliente que vem aqui, procura a gente: 'ó, eu quero alface, a gente veio comprar alface'", conta Maria Perpétua.

Quem organizou o curso de hidroponia foi a mobilizadora do Senar Goiás Leandra Mendanha. "O instrutor Ricardo foi quem ministrou o treinamento. A gente montou em parceria com os alunos, a produtora e a hidroponia no final do curso já estavam pronta, gerando uma nova fonte de renda para a propriedade. Agora vamos começar o planejamento, ver os pontos que precisam melhorar para evoluir a produção, depois fazemos a adequação tecnológica e, por último, avaliamos os resultados. Assim, ela consegue caminhar sozinha com as práticas gerenciais", explicou.

Animada com os resultados, a família já pensa em expandir. "A gente

tem o sonho de continuar, a gente aumentou um espaço aqui pra frente. Por enquanto tá na alface, mas a gente quer cultivar cheiro verde, quem sabe rúcula e às vezes até o morango, tão sonhado o morango, que a gente acha que é muito bonito. Se a gente conseguir, vai ser outro sonho realizado", diz Maria, emocionada.

Para ela, o trabalho na horta vai além da produção. "Olha, às vezes eu tô lá em casa, quietinha, vou lá ver minhas alfaces, que são muito lindas. A gente se sente bem aqui, entendeu? A gente se sente bem olhando as alfaces. Tô amando, realizei meu sonho e vou firmar nele."

